



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

O antifascismo na imprensa anarquista durante a primeira república – A Plebe e Alba Rossa (c.1919-c.1922)

Bruno Corrêa de Sá Benevides¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo o estudo do antifascismo internacional no espaço de tempo compreendido entre 1919 e 1922. A pesquisa dedica-se à fase inicial do fascismo e da imediata resistência antifascista que se propagou fora da Itália, particularmente no Brasil, onde residia grande número de italianos. Apesar de já existirem trabalhos sobre o fascismo e o antifascismo no Brasil, esse período inicial ainda é muito pouco estudado, principalmente no que se refere à propagação e circulação de textos antifascistas, de tendência anarquista, nos jornais militantes e operários brasileiros. Para atingir esse objetivo buscou-se nos artigos escritos pelos antifascistas nos jornais *A Plebe e o Alba Rossa*, indícios de elaboração de táticas para enfrentar o fascismo. Em um segundo momento pretendeu-se levantar a compreensão acerca do conceito de fascismo através da ótica dos militantes anarquistas.

Palavras-chave: Antifascismo, Imprensa operária, Anarquismo

Abstract: This study aims to scan the international antifascism in the space-time between the period of 1919-1922. The research is dedicated to the early stage of fascism and immediate antifascist resistance that has been spread outside Italy, particularly in Brazil, where there were a lot of Italians. Although there are research projects on fascism and antifascism in Brazil the early stages of anti-fascism is less studied, specially regarding the spread and circulation of anarchist writings in Brazilian left wing and working class press. First, we have sought evidence of resistance to fascism in the newspaper written by antifascists such as, *A Plebe* and the *Alba Rossa*. Then, we intended to look for understanding about the concept of fascism from the anarchist's perspective.

Keywords: Anti-fascism, Workers press, Anarchism

¹ Metrando em História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Contato: brunoebenevides@gmail.com. Artigo recebido em 1 de junho de 2016.

Introdução

No Brasil, no início da década de 1920, praticamente não se tinha conhecimento sobre o fascismo. Por outro lado, na Itália, sua terra natal, esse movimento ganhava cada vez mais corpo e solidez, sobretudo a partir de 1919.

Os primeiros focos de percepção sobre o fascismo no território brasileiro ocorreram a partir da comunidade italiana instalada em São Paulo, já no início da década de 1920 (BERTONHA, 1999). Tal fato não pode ser encarado com maiores surpresas, uma vez que, por consequência lógica, no Brasil, seriam os italianos os possuidores de um certo esclarecimento quanto ao fascismo por estarem, de todo modo, informados com o que se passava na Itália.

Por consequência, as primeiras experiências antifascistas também circularam, inicialmente, no seio da comunidade italiana no Brasil manifestando as primeiras atuações de resistência, a partir de movimentos de esquerdas pertencentes àquela comunidade, especialmente os socialistas e os anarquistas. Em um segundo momento, contudo, com o florescer do fascismo na Itália, a crítica ao movimento ampliou o seu espaço de atuação não se restringindo apenas aos italianos e à década de 1930, como sedimentou a historiografia nacional sobre o tema (CASTRO, 2001, 2002; SANTOS, 2009).

Neste sentido, a fim de perceber como essa crítica ao fascismo na Itália passou a integrar os discursos de alguns segmentos do movimento anarquista emergentes no Brasil na década de 1920, optou-se por trabalhar com dois periódicos anarquistas (*A Plebe* e *Alba Rossa*) editados no país, que receberam forte influência de militantes anarquistas brasileiros e estrangeiros, sobretudo de origem italiana, que ali escreviam e assinavam artigos e colunas.

O ano de 1919, ponto inicial do recorte temporal, se explica em razão da emergência, na Itália, do movimento embrionário do fascismo denominado *fasci di combattimento*². Já o ano de 1922, marco final da baliza temporal desta pesquisa, está relacionado com a marcha de Mussolini sobre Roma³, que simbolizou de fato o fortalecimento do fascismo na Itália,

² Após a sua expulsão do PSI (Partido Socialista Italiano) e de sua demissão do cargo de editor chefe do jornal *Avanti!* (jornal do PSI), Mussolini passou a editar, em 1914, o jornal *Il Popolo d'Italia* pertencente ao movimento *Fasci d'azione rivoluzionaria* (criado por Mussolini e Alceste de Ambris em 1914) (PARIS, 1993, p. 62). Já em 2 de março de 1919, o periódico *Popolo d'Italia* convidou leitores, simpatizantes e amigos para se reunirem em Milão, no dia 23 do mesmo mês, para que aí se constituíssem os conhecidos *fasci di combattimento* (Idem, p. 65).

³ A Marcha sobre Roma, como ficou conhecida a ascensão de Mussolini e do fascismo ao poder, ocorreu no dia 29 de outubro de 1922. O líder do movimento fascista partiu de Nápoles em direção a Milão, onde tomou posse do cargo de primeiro-ministro; a data ficou conhecida como marcha, porque, apesar de Mussolini ter chegado a Milão em um trem noturno, seus partidários e simpatizantes fascistas de fato marcharam rumo à capital do país para celebrar a conquista do poder pelo PNF (Partido Nacional Fascista) (ADINOLFI, 2010, p. 355).

semelhantemente aos passos de Caio Júlio César, em 49 a.c., ao também marchar sobre Roma, tomar o poder, pôr fim à República Romana e se autoproclamar o primeiro Imperador romano.

Balço Historiográfico sobre o antifascismo no Brasil

No tocante ao estudo sobre o fascismo e a resistência antifascista no Brasil, é possível verificar uma vasta produção historiográfica que se divide em dois blocos: o primeiro bloco pertence aos historiadores que se dedicaram ao estudo do fascismo e do antifascismo no Brasil praticados por italianos residentes no país. Essas análises são centradas basicamente nas relações entre o fascismo e a comunidade italiana existente no país entre a fase inicial de emergência do fascismo e a da tomada de poder por Mussolini (1919/1926) (BERTONHA, 1999, SANTOS, 2001). Em decorrência da perseguição política na Itália (*fuoriusciti*, fugitivos em italiano), nos últimos anos da década de 1920, surgiu um antifascismo no Brasil, que também foi desenvolvido por italianos, onde o nome de Francesco Frola possui destaque (BERTONHA, 1999, p. 69-77; TRENTO, 1989; BIONDI, 2011).

O trabalho de João Fábio Bertonha (1999), *Sob a sombra de Mussolini: Os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945*, por exemplo, inicia suas análises a partir da luta antifascista dos socialistas italianos em São Paulo na década de 1920. Em um segundo momento, amplia o estudo e passa analisar a atuação dos italianos antifascistas em São Paulo até o fim do Estado Novo.

O segundo bloco pertence à historiografia que se dedicou ao estudo de um antifascismo encetado por brasileiros, com ainda certa proximidade ao antifascismo italiano, e que se configurou em razão da conjuntura autoritária no Brasil a partir década de 1930 (CASTRO, 2001, 2002; SANTOS, 2009).

O trabalho de Ricardo Figueiredo de Castro (1999), *Contra a guerra ou contra o fascismo? As esquerdas brasileiras e o antifascismo, 1933-1935*, buscou estudar a transição da luta antifascista no Brasil, até então, desempenhada por italianos, para o centro de discussão de diversos setores da esquerda brasileira em luta contra o fascismo. Essa clivagem ocorreu durante a década de 1930, em razão do surgimento da AIB em 1932 e da reação das esquerdas ao integralismo culminando na criação da ANL.

De qualquer forma, a atuação dos italianos ao longo de todo o período de luta antifascista foi de suma importância para a construção de uma frente de luta no Brasil. De acordo com Figueiredo de Castro, a escolha do dia 11 de junho de 1934 para a formação de

uma frente única antifascista, refere-se ao assassinato do deputado socialista italiano Giacomo Matteotti, ocorrido em 1924, como uma forma de homenagear os antifascistas italianos e de conferir legitimidade histórica e política à nova organização (CASTRO, 2002, p. 359-361).

Não obstante a contribuição dos estudos sobre o antifascismo no Brasil em momentos distintos (1919-1930 e 1930-1945), especialmente em sua primeira fase, não é possível encontrar trabalhos que se dediquem a investigar a recepção do antifascismo italiano a partir dos movimentos sindicalistas e operários nacionais ligados às correntes do anarquismo⁴ e do sindicalismo revolucionário nos primeiros anos da década de 1920. Portanto, é a partir desta lacuna historiográfica que este trabalho foi desenvolvido.

Para tanto, foi utilizado um periódico anarquista ligado ao movimento operário nacional, *A Plebe*⁵, com o objetivo de reunir artigos e notícias que veiculassem informações críticas sobre o fascismo na Itália. Por outro lado, optou-se por analisar o *Alba Rossa*⁶ (1919-1922), jornal editado no Brasil, porém confeccionado para circular entre a comunidade italiana existente em São Paulo. Este periódico anarquista, cuja direção ficou a cargo do ácrata italiano Angelo Bandoni, foi escolhido justamente em razão de sua linha antifascista. A análise de um periódico antifascista produzido por italianos foi capaz de fornecer maiores subsídios ao estudo da crítica ao fascismo em seus primeiros anos. Além disso, inexistem no país trabalhos dedicados ao estudo mais aprofundado tanto sobre o Bandoni, quanto sobre este periódico⁷.

Em um segundo momento, a partir da análise desses dois periódicos, também buscou-se inferir qual a compreensão que esses militantes anarquistas passaram a ter acerca do conceito de fascismo italiano enquanto movimento político em ascensão na Europa.

⁴ Segundo Carlo Romani, as correntes anarquistas dividem-se, a grosso modo, em individualistas e associacionistas. Segundo o autor, “os primeiros, genericamente, rejeitavam toda e qualquer forma de organização política como instrumento de ação”. Enquanto que os segundos entendiam ser crucial “a existência de uma estrutura organizativa mínima dentro da sociedade, sem que esta implicasse em relações de autoridade e hierarquia” (2002, p. 40-42).

⁵ Em 1917, Edgard Leuenroth passou a editar o periódico *A Plebe*, tornando-se um importante veículo de comunicação do movimento anarcossindicalista de São Paulo, afirmando ser a continuação do periódico *A Lanterna* em 1916. Durante todo o período de sua existência, posicionava-se como um jornal dedicado à luta dos trabalhadores contra a opressão e a miséria, assumindo o papel de instrumento de luta do movimento grevista. Edgard Leuenroth, no ciclo greves em 1917 foi preso sobre o argumento de incitar os operários (KHOURY, 1997, p. 13).

⁶ O *Alba Rossa*, diferentemente do jornal *A Plebe* analisados, não foi um periódico pertencente ao movimento operário anarquista brasileiro. Sua criação tinha por finalidade circular, sobretudo, entre a comunidade italiana em São Paulo. A sua posição editorial era claramente libertária e antifascista. O jornal passou a circular em 26 de maio de 1919 em São Paulo, sob a organização de um conselho editorial encabeçado pelo anarquista Angelo Bandoni. De maio de 1919 a maio de 1922, o periódico totalizou 26 edições (BIONDI, 1994, p. 367).

⁷ Apesar dos trabalhos estrangeiros que se dedicaram ao estudo do Bandoni, ver: BIONDI, 1994 e FELICI, 1994. Carece, na historiografia brasileira, de um estudo mais aprofundado sobre esse anarquista.

A recepção do antifascismo por alguns periódicos pertencentes ao movimento operário anarquista de origem nacional, já a partir de 1919, tem relação direta com a influência exercida por notáveis personalidades de origem italiana sobre os militantes brasileiros. Além disso, alguns desses militantes italianos, ligados ao movimento operário, vão contribuir, inclusive, na edição de periódicos operários nacionais. Esse, como será analisado com maior rigor, foi o caso do jornal *A Plebe*, periódico anarquista fundado em São Paulo, em 1917, em que conseguiu reunir articulistas tanto do âmbito nacional quanto internacional.

Assim, cabe destacar a influência exercida por alguns proto-antifascistas italianos atuantes no Brasil até essa época como Antonio Piccarolo, Angelo Bandoni, Oreste Ristori, Francesco Cianci, Gigi Damiani, Giulio Soderi, entre outros (ver BERTONHA, 1999; ROMANI, 2002; BIONDI, 1994 e TOLEDO, 2004), que permaneceram longos anos no Brasil. Ao lado desses, acrescentam-se outros que tiveram rápida passagem pelo país, mas que continuaram mantendo relações com os seus conterrâneos que ainda permaneceram no Brasil, como Lélío Zeno, Enrico D'Avino, Silvio Fioravanti, Trento Tagliaferri, Antonio Trotta, entre outros tantos.

A recepção do antifascismo pela imprensa operária brasileira, nos anos 1920, também se explica em razão da forte influência provocada pela circulação do jornal *Umanità Nova*, jornal antifascista editado na Itália, a partir de 1920, pelos italianos Errico Malatesta, Camillo Berneri, Antonio Cieri, entre outros. O próprio Gigi Damiani, após ser expulso do Brasil, em 1919, pelo governo republicano, se tornou um dos principais articulistas do jornal (BIONDI, 2011).

Assim, além de tomar conhecimento da presença de um antifascismo encetado por italianos e brasileiros a partir de dois periódicos anarquistas, as análises também possibilitaram, em um segundo momento, compreender que o conceito de fascismo noticiado nesses periódicos estava diretamente relacionado a um extremo nacionalismo, a uma forte militarização do Estado e uma intensa repressão policial aos movimentos de esquerdas. Mas isso será melhor aprofundado adiante.

Sem dúvida a questão merece destaque, uma vez que, entre 1919-1922, o fascismo passou a ser criticamente percebido pelos anarquistas numa fase em que ainda não havia se consolidado institucionalmente como política Estatal na Itália. A primazia dos anarquistas na luta contra o fascismo no Brasil merece, certamente, a devida atenção.

O Antifascismo em sua fase inicial (1919-1922)

De acordo com João Fábio Bertonha, por um período de mais de 20 anos, italianos prós e contra Mussolini se digladiaram pela conquista de seus conterrâneos residentes no Brasil, que desembarcaram no país em razão da intensa imigração de estrangeiros iniciada na segunda metade do século XIX (BERTONHA, 1997, p. 43). As análises historiográficas têm demonstrado que parte da coletividade italiana em São Paulo possuía uma simpatia pelo regime fascista e uma certa tendência a recusar a mensagem do antifascismo.

Ainda segundo João Fábio Bertonha, desde a fundação do Partido Fascista (e depois, com o governo fascista) procurou-se transmitir os seus ideais para seus concidadãos espalhados no exterior (1997, p. 44). Assim, foi implementado todo um esforço político com o objetivo de criar um senso de “italianidade” dos emigrados quanto (de inculcar) a ideologia fascista entre eles (BERTONHA, 1997, p. 44).

O fascismo se valeu de duas principais frentes para a sua propagação em meio à comunidade italiana. A primeira foi realizar uma penetração “direta nesta comunidade através da expansão da rede consular e da implantação, em São Paulo, de órgãos fascistas propriamente ditos: os *fasci all'estero*, os *Dopolavoro*, etc”, que seriam incumbidos de implantar seus instrumentos de propaganda e doutrinação no Brasil (BERTONHA, 1997, p. 44).

A segunda frente traduziu-se em esforço de “conquistar as mentes e as almas dos italianos residentes em São Paulo” (Op. Cit., p. 44). Nesse sentido, o consulado italiano

(...) foi agindo, no decorrer de todos os anos 20 e 30 e mais especialmente após a chegada em São Paulo do cônsul Serafino Mazzolini (dedicado propagandista do regime) em 1928, com a intenção de controlar os órgãos que davam vida à assim chamada “colônia italiana”. Escolas, jornais, associações (...), esses órgãos foram caindo um após o outro sobre o controle do fascismo, que os transformava em novos instrumentos para a difusão dos valores do regime (Op. Cit., p. 45).

Em suma, pode-se perceber que uma grande estrutura de propaganda foi organizada com o fim de difundir o fascismo a partir de São Paulo.

Não obstante a esta realidade, desde o início da infiltração do fascismo em terras brasileiras, o movimento passou a enfrentar a oposição de homens que não concordavam com os atos do regime de Mussolini e que trouxeram esta luta de resistência para a região.

Nessa esteira, já em 1919, periódicos de esquerda que circulavam entre a comunidade italiana (como foi o caso do periódico anarquista *Alba Rossa*) começaram a publicar escritos

contra o fascismo. Uma outra manifestação, de certa forma mais direcionada, de um antifascismo italiano em São Paulo foi a partir de fundação do jornal *La Difesa* (1923), sob a coordenação de um socialista reformista Antonio Piccarolo, que já residia no Brasil desde 1908 (BERTONHA, 1999, p. 56-57).

Embora o campo de interesse desta pesquisa se limite ao ano de 1922, julga-se válido estender um pouco mais a discussão sobre o antifascismo feito por italianos no Brasil até a década de 1930. O jornal de Piccarolo, por sua vez, abrigou várias “correntes antifascistas (como os republicanos, os socialistas e os antifascistas ligados à *Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo* – LIDU) no seu interior, o que levará a conflitos internos” (BERTONHA, 1997, p. 45). Em 1925, os antifascistas italianos em torno do *La Difesa* criam de fato a primeira instituição antifascista que foi denominada: *Unione Democratica*, sendo *La Difesa* seu órgão de imprensa oficial.

No início de 1926, por razões pessoais, Piccarolo abandonou a direção do jornal, ficando o periódico na responsabilidade do antifascista italiano Francesco Frola, recém chegado da Europa e fugido em razão da perseguição dos fascistas.

Entre outras medidas, Frola abriu o jornal para outros antifascistas italianos “como os anarquistas Oreste Ristori, Angelo Bandoni e Alessandro Cerchiai; os comunistas Goffredo Rosini e Ertulio Esposito e muitos outros” (BERTONHA, 1997, p. 45). Essa medida de abertura, além de outros fatores, gerou um clima de disputa entre Frola e Piccarolo pelo *status* de representante brasileiro da *Concentrazione Antifascista* (uma união de partidos políticos italianos antifascistas, com sede em Paris) e pelo controle do *La Difesa*. Esse conflito foi vencido por Piccarolo em 1930, quando transferiu a direção do jornal para “Nicola Cilla e Mario Mariani, antifascistas recém chegados a São Paulo e que conduzirão, junto com Piccarolo, os destinos do *La Difesa* até seu fim em 1934” (Op. Cit., p. 46).

Basicamente esse foi o panorama de um (proto)antifascismo desenvolvido no Brasil entre os anos 1919 à 1926, a partir, principalmente, da comunidade italiana no país. Por outro lado, seguindo uma das propostas deste artigo, buscou-se ampliar as análises sobre o combate ao fascismo na Itália (entre 1919-1922) em relação ao periódico anarquista *A Plebe* editado no bojo do movimento operário nacional.

Em vista disso, o esforço aqui foi justamente retroceder até o ano de 1919 procurando a possível presença de um antifascismo nas páginas do citado periódico até o ano de 1922. Além disso, foi incluído nessa análise um jornal também editado no Brasil, mas pertencente à comunidade italiana (*Alba Rossa*, como já foi devidamente aprofundado). Em um segundo

momento, a investigação se direcionou para a compreensão do conceito de fascismo que passou a circular em seus anos iniciais.

Por um conceito de fascismo: características e nuances

De acordo com Edda Saccomani, é possível distinguir três usos ou significados principais do termo. O primeiro faz referência ao núcleo histórico original, constituído pelo Fascismo italiano em sua historicidade específica; o segundo uso do termo está ligado à dimensão internacional que o Fascismo alcançou, quando o nacional-socialismo se consolidou na Alemanha com tais características ideológicas, “que levou os contemporâneos a estabelecerem uma analogia essencial entre o Fascismo italiano e o que foi chamado de Fascismo alemão”; finalmente, o terceiro estende o termo a todos os movimentos ou regimes que compartilham com aquele que foi definido como *Fascismo histórico* (2000, p. 466).

Ainda de acordo com Saccomani, no dicionário político editado por Norberto Bobbio:

Em geral, se entende por Fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planificada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais” (2000, p. 466).

Já Hannah Arendt não trouxe uma definição direta sobre o fascismo. Na verdade, enquadra o fascismo como uma das pioneiras vertentes do totalitarismo. Em síntese, por totalitarismo, entende ser uma ideologia oficial tendente a cobrir todo o âmbito da existência humana e à qual se supõe aderirem todos, pelo menos passivamente; um partido de massa único, tipicamente conduzido por um só homem (2013, p. 355); um sistema de controle policial baseado no terror (2013, p. 469); o monopólio quase completo dos meios de comunicação de massa; o monopólio quase completo do aparelho bélico; e, enfim, o controle centralizado da economia. O alvo é o de conseguir o controle total de toda a organização social, a serviço de um movimento ideologicamente caracterizado (2013, p. 488 e ss). As

condições essenciais para a sua aparição são um regime de democracia de massa e o poder de dispor de um aparelho tecnológico como o que só a moderna sociedade industrial pode oferecer (2013, p. 355 e ss). Portanto, são esses os elementos que serviram de norte teórico durante a análise das fontes quanto à definição do termo fascismo⁸.

As primeiras notícias que emergem a partir da primeira metade de 1919 sobre a conjuntura política vivenciada na Itália revelam uma tensão, ou melhor, um confronto entre dois setores da sociedade italiana. Astrojildo Pereira, na edição do jornal *A Plebe*, de 26 de Abril de 1919, relata o antagonismo vivenciado na Europa e especialmente na Itália agravado, sobretudo, em razão do fim da Primeira Guerra Mundial:

(...) Parece já fora de dúvida o fracasso completo da liga dita das Nações. Os estadistas da burguesia estão definitivamente desorientados e vão perdendo até o próprio instinto de conservação, teimosos, cada qual aferrado ao seu imperialismo particular e às suas ambições nacionalistas.

(...) Na Itália, já se entrechocam as forças da revolução e as forças da reação, em sangrentos conflitos prenunciadores da borrasca final (...) (Ano II, n. 10, p. 1).

As “forças da revolução”, no entender do articulista, seriam a soma dos movimentos pertencentes às esquerdas na Itália e que possuíam um viés mais revolucionário (à exceção, portanto, do PSI). Por sua vez, este movimento vinha sofrendo forte resistência em razão das “forças de reação”. O que se poderia entender por “forças de reação”? A resposta pode ser encontrada em outra edição do mesmo periódico, do mesmo ano, só que agora publicada no mês de junho, onde são denunciadas novas ações das ditas forças de reação contra as oficinas do *Avanti!* (Jornal pertencente ao PSI, como já explicado anteriormente):

Ao nos ocuparmos do ataque às oficinas do Avanti!, de Milão, levado a efeito pela horda nacionalista, dissemos que a burguesia italiana havia de pagar bem caro esse crime covarde praticado quando a redação do nosso valente confrade se achava entregue unicamente a duas pessoas.

*De que não exageremos ao fazer essa asserção, nele demonstram notícias, embora escassas e mutiladas, que o telégrafo tem fornecido nestes últimos dias sobre a situação da península itálica, onde se estão desenrolando acontecimentos prenunciadores de uma grande e próxima convulsão social. **Imperialismo da Burguesia** (A Plebe, Ano II, n. 17, p. 4. – sem grifo no original).*

A “horda” (expressão efetiva das “forças de reação”), que segundo a notícia será responsável por uma convulsão social na Itália, está diretamente associada aos nacionalistas e à burguesia imperialista. A partir dessas premissas, em tom quase que profético, já é possível

⁸ Além desses autores, é reconhecida a importância dos trabalhos de Emilio Gentile (2002) e de Renzo De Felice (1978), consideramos que os autores acima trabalharam o conceito político de fascismo de modo adequado a esta pesquisa.

verificar quais eram os ideais que ecoavam na Itália já no ano de 1919. A própria formação dos *fasci di combattimento* por Mussolini, em 23 de março deste ano, estava impregnado desse nacionalismo que ganhava cada vez mais força na Itália.

Na edição do dia 2 de abril de 1921 do jornal *A Plebe*, na coluna intitulada de *Prega Reformista*, assinada por Agottani, é noticiado o declínio do movimento operário na Itália frente à cooptação e o endurecimento das forças insurgentes do fascismo. Na ocasião, o articulista explicou que o esvaziamento do operariado estava relacionado com a diminuição das ações diretas (greves, boicote, etc) e em razão da atração dos discursos reformistas via sistema político:

(...) [ação direta] Eis o que faltou ao proletariado italiano que quando já de posse de todos os elementos garantidores da vitória, teve de retroceder, reinstituindo as fábricas e as oficinas de trabalho aos proprietários.

(...)

E se, porventura, tal fato se realizasse em algum país, outras nações não tardariam a vir de encontro a semelhante ação revolucionária, (...) como por exemplo na Itália.

Admira-nos que haja ainda quem acredite na virtude das organizações disciplinadas a estilo militar, dirigidas por chefes mistificadores que se servem de todas as armas para garantir o seu prestígio e o seu interesse, prometendo mentirosamente aos trabalhadores aquilo que jamais poderá ser realizado senão por obra dos próprios trabalhadores.

Basta um pouco de discernimento para que se possa perceber a velhacaria desse traficante de carne humana, que sob o falso pretexto do nacionalismo, tem fomentado as guerras, colaborando com todos os governos reacionários.

Eles pregaram o espírito de sacrifício, a resistência extrema, votaram os fundos necessários para a aquisição de instrumentos bélicos e, ainda, serviram de delatores dos elementos que lhe são contrários, entregando-os à justiça burguesa (Ano V, n. 111.p. 2).

A coluna denuncia, por outro lado, a ascensão de organizações que defendiam um exacerbado nacionalismo com certa tendência militarista que estava cooptando os trabalhadores por meio de “líderes mistificadores”. Apesar de não mencionar explicitamente, refere-se, o colunista, bem sabemos, ao fascismo que à época desta edição (1921) já havia se constituído no Partido Nacional Fascista (PNF).

Além disso, cumpre ressaltar o tom de crítica e de advertência que a notícia possui ao alertar sobre a necessidade de discernimento por parte do operariado em não deixar se levar pelo discurso dos líderes ligados a esse movimento que se desenvolvia na Itália.

Ainda sobre a coluna em apreço, a frase “chefes mistificadores que se servem de todas as armas para garantir o seu prestígio”, além de fazer referência ao uso massivo da propaganda política, típica dos Estados totalitários (ARENDR, 2013, p. 390), alude indiretamente ao uso da força e da repressão com a finalidade de exercer o domínio e a soberania. Curiosamente, a edição de *A Plebe* de 9 de abril de 1921 faz uma crítica à

repressão vivida no Brasil (perseguição aos anarquistas e aos estrangeiros⁹) e realiza uma aproximação entre as ações políticas do Estado brasileiro e as práticas autoritárias que sopravam na Europa naquela ocasião¹⁰. O articulista chega a chamar os legisladores brasileiros de tiranos:

(...) assim é que a lei Adolfo Gordo, que a pouco prendeu a atenção dos Sr. Legisladores desta senzala-republicana, veio oportunamente demonstrar a argamassa com que estão constituídos os cérebros portentosos dos respectivos feitores, pois, nada mais oportunista do que fazer passar uma 'lei-dique' que servisse de barreira no transbordar do caudal revolucionário, num momento como este, quando positiva e praticamente se debruça na milenar página conservadora do molde sociais (...). Porém, não nos admiremos desse proceder dos tiranos das brasílicas terras (...). A sanção de leis opressoras em países da Europa e da América, cujos administradores sempre possuíram em mais alto grau os conhecimentos sociológicos, em comparação aos daqui e em épocas normais sempre produziram o efeito que a prática nos demonstra. Ao invés de reprimirem a onda rebelde, mais a robusteceram, canalizando-a mais homogênea, mais avantajada em proporções ao tonico benefício dos decretos autocráticos (...) (A *Plebe*, 9 de Abril de 1921, Ano V, n. 112.p. 2).

Ora, se durante a década de 1920 a Europa viu emergir movimentos totalitários em diversos países, o que o articulista pretendeu foi indiretamente chamar as práticas de governabilidades “opressoras” em curso no Brasil de autoritárias e ditatoriais. De qualquer forma, certamente o discurso inflamado de militante falou mais alto. É necessário guardar as devidas proporções e lembrar que, apesar do crescente autoritarismo vivenciado no país a partir dos anos 1920, neste momento ainda se vivia sob a tutela de uma República liberal (ao menos na teoria).

A edição de 16 de abril de 1921 do periódico *A Plebe* traz em suas páginas a coluna *O que se passa na Itália* assinada por J. Camargo. A publicação tem papel crucial para esta pesquisa. Após um trabalho de busca em diversas edições do jornal, foi nessa publicação em que pela primeira vez o *fascismo* apareceu nas páginas desse periódico. Não apenas uma aparição indireta com os seus elementos caracterizados, mas menção direta ao termo. A

⁹ Diante da organização do operariado, não tardou para que o governo, preocupado com a crescente ação dos revolucionários no movimento social, delineasse uma tímida iniciativa de uma legislação trabalhista. Assim, em 1903 foram editadas normas com o fito de regulamentar os sindicatos do setor econômico rural, o que, posteriormente, em 1907, aconteceu com as classes relacionadas ao trabalho urbano. Da mesma forma, de autoria do deputado Adolfo Gordo, uma lei de deportação foi elaborada, no ano de 1907, que atingiria, em geral, imigrantes e, particularmente, os anarquistas (SAMIS, 2004, p. 137).

¹⁰ Isso se refere ao avanço do fascismo de Mussolini, onde o Mundo observou a retirada de cena de forma “acelerada e cada vez mais catastrófica das instituições políticas liberais” (HOBSBAWM, 2014, p. 115). De uma maneira geral, entre 1918 e 1920, os órgãos legislativos das Repúblicas liberais europeias foram dissolvidos ou se tornaram ineficazes, tanto na Itália quanto na Alemanha. Assim, segundo Hannah Arendt, após a Primeira Guerra Mundial, uma “onda antidemocrática e pró-ditatorial de movimentos totalitários e semitotalitários varreu a Europa: da Itália disseminaram-se movimentos fascistas para quase todos os países da Europa central e oriental” (2013, p. 437).

coluna inicia tratando sobre a prisão de Errico Malatesta. Em seguida, critica o reformismo do PSI, e aproveita para mencionar o processo de reorganização do proletariado na Itália, não obstante a reação dos fascistas:

(...) Mas, agora, na Itália, já o proletariado está alerta e não será logrado pela segunda vez, como aconteceu no passado movimento.

(...)

E apesar da formidável reação dos fascistas, que se compõem de elementos burgueses e toda a escória social por eles aliciada, o ideal revolucionário e comunista na Itália continuará firme, inabalável, sustentando formidáveis lutas contra as forças ancestrais que na atualidade representam tudo quanto houve de barbárie e de despotismo no passado.

(...)

As violências dos fascistas que assaltaram as sedes das associações proletárias, os trabalhadores tem respondido com armas, sem abdicar de seus direitos nem cessar a sua obra fecunda de propaganda comunista e resistência contra os inimigos da luz, da liberdade e justiça.

Assim é que a 12 do corrente se deu um formidável conflito entre fascistas e comunistas na Toscana, na Emília e na Sicília, de que resultou grande profusão de sangue, havendo numerosas vítimas entre as partes contendoras.

A burguesia italiana, sem ter defesa suficiente por parte das forças organizadas pelo governo, que lhe não inspirava grande confiança, precisou ela mesma organizar de per si, o partido 'fascista', não visando senão o aproveitamento de todos quantos na política e no exército lhe podiam ser úteis no momento periclitante de sua existência e reunindo a tais elementos de defesa a escória social composta de indivíduos considerados como espias e perigosos traidores nos meios proletários.

A velhacaria, a intriga, a calúnia, eis as armas de que os fascistas lançam mão constantemente a fim de ver se conseguem desmoralizar os comunistas e torna-los ridículos aos olhos do povo, mas, afinal, perdem o seu tempo, porque a verdade, como a luz, não poderá jamais ser suplantada pelas trevas.

E as lutas se sucedem, agora, sem intermitências, aqui e acolá. Sempre que os tais fascistas as provocam, havendo sempre quem responda aos seus insultos, quer nos comícios eleitorais, quer nas demonstrações de hostilidades, que não raro promovem.

Querem os 'fascistas' ganhar nas eleições, mas isso, afinal, nada significa de importante porque povo, na atualidade, está decidido a agir diretamente, desprezando a intervenção dos socialistas legalitários que o trem vendidos como estão à burocracia burguesa. (*A Plebe*, Ano V, n. 113.p. 2).

O próprio redator se preocupou em definir quem eram os fascistas. Segundo ele, os fascistas eram pertencentes à burguesia e estariam preocupados em conter o avanço dos comunistas ou de qualquer outra forma de organização por parte dos trabalhadores, mesmo que para isso tivessem que adotar medidas mais contundentes, como pegar em armas.

Novamente o fascismo aparece nas páginas da *Plebe*, exatamente na edição de 18 de junho de 1921. A coluna *Momento Internacional* veio trazendo um artigo traduzido de Jacques Mesnil sobre notícias a respeito da dissolução do parlamento pelo primeiro-Ministro Giovanni Giolitti e de ações dos fascistas contra algumas organizações sindicais, demonstrando como agiam contra qualquer grupo organizado sob inspiração anarquista ou comunista:

Logo após a dissolução do parlamento italiano, em abril último, escreveu Jacques Mesnil, um excelente artigo sobre a crise política e social que agita aquele país. Jacques é um perfeito conhecedor das coisas italianas, e esse seu artigo, que traduzimos e publicamos a seguir, esclarece, resumidamente, mas com segurança e precisão, a verdadeira situação revolucionária da Itália.

(...)

Esse congresso [da CGT], composto sobretudo de funcionários sindicais, que se não reuniam há sete anos, deixou uma deplorável impressão de falta de visão: reunido em plena reação 'fascista', no momento em que os bandos armados incendiavam as câmaras do trabalho e tentavam aterrorizar os proletários organizados, esse congresso tinha uma aparência acadêmica e parecia estranho aos mais urgentes problemas do momento (...) (*A Plebe*, Ano V, n. 122, p. 3).

A última menção direta ao fascismo dentro do recorte temporal desta pesquisa foi encontrada na edição do dia 30 de julho de 1922. Na ocasião falou-se sobre as eleições parlamentares de 1919 e 1921 onde os socialistas tiveram vitória expressiva nas eleições municipais. Em reação a vitória dos socialistas, o então primeiro-Ministro italiano, Giovanni Giolitti, teria dissolvido a Câmara e aberto espaço para lançar os fascistas contra os socialistas italianos:

(...) As eleições do após-guerra mostraram um tal progresso de votos socialistas – nas eleições municipais, um terço das municipalidades foi conquistado pelos socialistas – que ao capitalismo italiano apareceu como indispensável o emprego da violência contra a legalidade.

A burguesia italiana lançou os fascistas contra os trabalhadores italianos. E para que não houvesse erro possível, para que ficasse bem claro que era contra os resultados do sufrágio universal que ela se insurgia, o primeiro ataque levado a efeito pela burguesia foi contra a municipalidade de Bolonha, no dia mesmo em que os novos edis se instalavam, e a primeira vítima da insurreição burguesa era um 'eleito do povo', um conselheiro municipal (...).

Sob o regime do terror e de violências assim instaurado é que Giolitti, após dissolver a Câmara precedente, essa eleita em plena calma e em plena legalidade chama às urnas o povo italiano. (...) (*A Plebe*, p. 3).

Em que pese a escassez de informações sobre o fascismo, foi possível perceber que este movimento passou a ser pauta de discussão em ambos os periódicos anarquistas pertencentes ao movimento operário nacional. De forma mais explícita, o termo apareceu sobretudo no jornal *A Plebe*. Além disso, todas as colunas que trataram do movimento versaram sobre: nacionalismo, imperialismo, militarismo. E o fizeram com a pretensão de noticiar e alertar de forma crítica o avanço desses ideais, fato que comprova a existência dos primeiros focos de possível resistência ao fascismo já a partir de 1919, especialmente por meio de periódicos operários nacionais.

A seguir, será analisado o jornal pertencente à comunidade italiana *Alba Rossa*, atentando-se unicamente às críticas direcionadas ao fascismo na Itália. Já houve a

oportunidade de falar um pouco sobre fundação do jornal em 1919 por Angelo Bandoni. O jornal de Bandoni foi um periódico anarquista que possuía a pretensão de informar os trabalhadores italianos no Brasil acerca dos movimentos revolucionários no mundo e especialmente na Itália. A luta de resistência ao fascismo, todavia, assumiu uma pretensão secundária nas páginas desse periódico. De qualquer forma, assim dizia a primeira edição do jornal publicada em janeiro de 1919:

(...) Hoje, inauguramos Alba Rossa, ardendo em fúria guerreira, tateando todas as possíveis táticas, por uma orientação nova e mais segura.

Quem somos? Onde pretendemos chegar?

(...)

Nós somos anarquistas, acreditamos, por firme convicção, que a instituição econômica e política do regime burguês não respondem mais as necessidades humanas e que, portanto, quer queira quer não toda a ferocidade conservadora do atual ordenamento, o Estado capitalista corre rapidamente para a bancarrota mais desastrosa”

(...) nós não pertencemos a nenhum partido organizado, nem aceitaremos em dar a nossa colaboração – por mais modesta que seja – a um propósito de organizar algum

(...)

Enquanto isso, pela REDENÇÃO CIVIL DO PROLETARIADO, afrente e constante! (*Alba Rossa*, Ano I, n.1, p. 1).

No todo, além da publicação de artigos sobre o anarquismo e o movimento revolucionário em geral, outro assunto muito presente foi uma crítica acirrada contra o nacionalismo, neste sentido: “Para o governo desaparecer, bastará que os homens compreendam que o patriotismo é o único apoio desta máquina perigosa, é um sentimento bruto, injurioso, odioso e ruim, e sobretudo imoral (...) (*Alba Rossa*, Ano I, n. 3, p. 2).

Na mesma esteira do jornal *A Plebe*, o jornal de Bandoni concedeu atenção especial ao episódio diplomático envolvendo a Itália e Fiume. Na oportunidade, atacou-se o nacionalismo italiano e o imperialismo de Gabrielle D’Annunzio. O aspecto central, contudo, foi a denúncia no sentido de que o episódio poderia desencadear em um novo embate entre as nações europeias, o que passou a ser tratado com certa repulsa pelos articulistas, tendo em vista que a Primeira Guerra havia recentemente terminado. Assim dizia

Pax Gálica?

Pax Britânica?

Pax bélica?

Paz Romana! Responde, assim, o ressuscitado nacionalismo italiano, (...) que amargou o sul do Adriático com Gabriele D’Annunzio.

(...)

É inútil fingir, e é matematicamente exato que: ‘o irredentismo está para o imperialismo assim como o militarismo está para o capitalismo’ (*Alba Rossa*, Ano I, n. 9, p. 2).

O conflito em Fiume ainda ocupou as edições de 29 de março de 1919 e do dia 1º de maio de 1919¹¹.

A coluna *Guerra na Itália*, da edição de 22 de março de 1919, traz uma crítica ao nacionalismo italiano que se fortalecia. Ao que se percebe, esse sentimento nacional estava relacionado com os interesses dos capitalistas italianos, impregnando os discursos de líderes e insuflando as massas:

Pélagos iracundos esta epigrafe encerra! Como é desolador o espetáculo que nos apresenta um povo que inconscientemente atira-se a morte com riso nos lábios, enlevados pelo entusiasmo estúpido, exaltado pelo som alegre de uma fanfarra, por discursos eloquentes, aparentemente transparecendo o desespero de uma Italianidade, na realidade inexistente, com exclamações maquiavelicamente preparadas de antemão com o intuito único de levar o povo inteiro ao suicídio moral! Este espetáculo é deveras desolador!

(...)

Que espetáculo revoltante é ver essa massa de infelizes deserdados, condenados ao perpetuo sofrimento, despertar por esse sentimento baixo, grosseiro e sujo, que é o patriotismo, e atirarem-se uns contra os outros, esganando-se como feras cruéis, depois de haverem sofrido desumanamente toda espécie de torturas com que o capitalismo nos paga! O entusiasmo passageiro e estúpido chegou ao cumulo (*Alba Rossa*, Ano I, n. 9, p. 2)

Nesse momento, o fascismo ainda não havia surgido no cenário político italiano, mas é nesse contexto de efervescência nacionalista que o movimento de Mussolini germinou e se desenvolveu.

As primeiras críticas diretas ao fascismo aparecem a partir da segunda fase (2ª época) do jornal *Alba Rossa*, que tem início no segundo semestre de 1921. Não tivemos acesso à primeira edição dessa segunda época (termo usado pelo jornal). No acervo consultado, a primeira edição não constava armazenada no banco de dados.

Nas edições de 1º de maio, em duas pequenas colunas (em verdade pequenas notas) intituladas respectivamente de *O Fascismo* e *A Ditadura Militar e capitalista na Itália*, os editores caracterizam o fascismo como um movimento que se pretendia contrário à revolução social na Itália, envolto de um grande nacionalismo militarizado e ligado aos interesses da ‘burguesia capitalista’ daquele país¹².

Em 1921, os fascistas ainda não haviam ascendido ao poder. Entretanto, o movimento passou a ter apoio do primeiro-ministro Giolitti, que se aproveitou do discurso fascista, anticomunista e anti-anarquista, para acalmar as tensões vividas em 1921 e deixar que os fascistas perseguissem os movimentos de trabalhadores ligados às esquerdas. Assim, o *Alba*

¹¹ *Alba Rossa*, 29 de março de 1919, Ano I, n. 10, p.1; e *Alba Rossa*, 1 de maio de 1919, Ano I, n. 14, p. 1-2.

¹² *Alba Rossa*, 1 de maio de 1921, Ano I, n.2.

Rossa, em tom de denúncia, na edição de Outubro de 1921, relatou como eram as ações dos fascistas contra o movimento de trabalhadores na Itália:

(...) Começaram agora as primeiras lutas fratricidas. O governo de Giolitti permitia e ajudava que os fascistas saíssem em pleno dia pelas ruas da Itália com bombas de dinamites, massacrando a juventude revolucionária. Foi naquele momento uma festa de sangue. Os assassinos e mercenários do governo italiano formaram um partido sem nenhuma direção política (...).

(...)

Os fascistas são coerentes em defender os próprios interesses, mas também os anarquistas e os comunistas são se atacam primeiro.

Por qual, sendo que Giolitti o primeiro defensor e protetor das ações dos fascistas ajudando-os a se livrarem das punições, toda a responsabilidade cai sobre o governo, que ora se vê sem jeito para suprimir esse ódio (*Alba Rossa*, Ano I, n. 4 (2ª época), 5 de Outubro de 1921, p. 1).

Portanto, da leitura do jornal *Alba Rossa* é possível verificar que o fascismo dos anos de 1921-22 já era caracterizado por ser um movimento ligado aos capitalistas, com forte cunho nacionalista (a pátria acima de tudo), imperialista e militar, que agiam com truculência necessária para coibir qualquer manifestação dos trabalhadores organizados, especialmente os anarquistas e os comunistas.

Ao colocar os dois periódicos em uma linha comparativa, é possível perceber que os elementos caracterizadores do fascismo em seus anos iniciais são praticamente semelhantes em todos os jornais. É possível que existisse, entre os editores, um compartilhamento das informações vindas da Europa, o que explicaria essa aproximação na compreensão do que seria o fascismo. Nesse sentido, não foi raro, durante as leituras dos periódicos, deparar com propagandas sobre o *Alba Rossa* no jornal *A Plebe* e vice-versa¹³, o que de certa forma demonstra um intercâmbio existente entre os articulistas. Seja como for, não obstante o apoio que a elite industrial burguesa concedeu aos fascistas, não se pode olvidar que a classe média desempenhou um papel crucial no fortalecimento do movimento (HOBBSAWM, 2014, p. 119). Por outro lado, o próprio fascismo na Itália ainda estava germinando entre os anos de 1919 e 1922. Somente com o decorrer dos anos é que seria possível ter uma completa noção sobre o fascismo.

Para finalizar, cabe citar interessante trecho da edição do *Alba Rossa*, de 11 de novembro de 1922, cujo título é *La Unurata sociedade fascista pronta a servir política internacional*. A coluna traz a denúncia sobre a possível instalação do fascismo em São Paulo a partir da comunidade italiana daquela região, em razão da política dos *fasci all'estero*, que

¹³ Por exemplo: *A Plebe*, São Paulo, 19 de Julho de 1919, Ano III, n. 22. “Será amanhã distribuído mais um número de *Alba Rossa* (...)” (p. 1).

como vimos, foi um esforço diplomático do governo da Itália em propagar o fascismo a todos os italianos espalhados pelo mundo. Diante dos boatos, assim se manifestou o editorial:

Mas se essa gente desclassificada, sem profissão, tiver a coragem de vir em meio a nós, trabalhadores autênticos, filhos de todas as pátrias, falar do fascismo italiano; (...) então usaremos os meios adequados para os persuadir do contrário e os convencer de que o lugar dos fascistas é entre os mercenários que recebem de todos os tiranos inimigos do povo. Fascistas é sinônimo de asno, criminoso, vagabundo e Judas (*Alba Rossa*, Ano II, n. 3 (2ª época), 11 de novembro de 1922¹⁴).

No Brasil, como já foi ressaltado, desde 1922 é possível perceber a infiltração de alguns ideais fascistas no país, exclusivamente a partir da comunidade de italianos como fruto do empenho diplomático realizado pelo governo da Itália. Mas como forma de governo, no país, o fascismo teve forte influência a partir da década de 1930 com a tomada do poder por Getúlio Vargas.

Conclusão

Os estudos sobre antifascismo no Brasil são marcados basicamente por duas tendências: a primeira considerou a luta de resistência ao fascismo, entre os anos de 1919 a 1930, a partir exclusivamente da comunidade italiana instalada no país; a segunda, contudo, analisou a presença de um antifascismo realizado por italianos e brasileiros, especialmente a partir do movimento operário nacional, entre os anos de 1930-1945.

Desta forma, durante os seus anos iniciais (1919-1926), pode-se perceber que não há estudos que se dediquem ao antifascismo a partir dos jornais pertencentes ao movimento operário nacional.

Neste sentido, a pesquisa voltou-se, em um primeiro momento, para o estudo sobre antifascismo entre os anos de 1919-1922, considerando dois periódicos anarquistas: *A Plebe* e o *Alba Rossa*.

Em um segundo momento, a pesquisa direcionou o seu interesse na definição e na compreensão desse (proto)fascismo que passou a ser criticado pela imprensa operária no Brasil. Desta forma, pretendeu-se analisar como os intérpretes anarquistas, em seus jornais, perceberam este movimento de origem italiana.

Após um apurado exame das fontes, foi possível encontrar diversas colunas que noticiaram sobre a emergência do fascismo na Itália, sempre acompanhadas de críticas ao

¹⁴ João Fábio Bertonha também menciona o ocorrido (1999, p. 570).

movimento. Além disso, percebeu-se uma constante necessidade, por parte dos articulistas, em alertar o operariado sobre esses novos ventos que sopravam da Europa. Diante disso, restou evidente a existência de um (proto)antifascismo a partir, sobretudo, da imprensa anarquista nacional. Deve-se destacar, por outro lado, o pioneirismo dos anarquistas em perceber que algo de diferente estava para acontecer no velho mundo.

Por fim, as informações vindas da Itália contidas nos periódicos revelam que uma onda nacionalista, imperialista e militarizada fluiu com muita intensidade naquele país. A partir de um determinado momento, foram esses os elementos que os articulistas usaram para designar o fascismo ainda em seus anos iniciais. Outrossim, os dois periódicos identificam, além dos elementos apresentados, o fascismo como um movimento exclusivamente ligado aos “capitalistas” e à “burguesia italiana”. Embora o apoio que essa classe conferiu aos fascistas e ao próprio Mussolini, a historiografia vem consolidando posicionamento no sentido de que os setores médios e as massas tiveram papel fundamental na concretização do fascismo.

Diante disso, a leitura dos periódicos permitiu perceber que o fascismo, na visão dos articulistas anarquistas, não se tratou de um movimento portador de uma definição fechada, posto que possibilitou uma ampliação dos seus elementos caracterizadores em relação à experiência italiana. Talvez a visão embaçada sobre o fascismo tivesse sido em decorrência da falta de uma exata compreensão acerca do movimento. Necessário seria, portanto, o desenrolar dos anos para que uma leitura mais acurada sobre o fascismo fosse feita pelos anarquistas no Brasil.

Finalmente, as análises das fontes também demonstraram que, de certa forma e a *grosso modo*, os dois periódicos caracterizaram o fascismo (ainda que indiretamente) de forma praticamente semelhante. Não foi possível, contudo, compreender o porquê dessa aproximação. Sugere-se que havia uma troca de informações entre os militantes acerca do que se passava na Itália, fato que sempre foi comum entre os anarquistas mais atuantes, mas seria necessário um estudo mais aprofundado sobre a questão.

Referências

Periódicos

Alba Rossa, São Paulo, 1919-1922.

A Plebe. São Paulo, 1919-1922.

Bibliográficas

ADINOLFI, Goffredo. O Constitucionalismo e o regime fascista. In LIMONCIC, Flávio; MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. *Os Intelectuais do antiliberalismo.* Projetos e políticas para outras modernidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo.* 1ª reimpressão. Trad. Roberto Raposo. São Paulo, Companhia de Bolso, 2013.

BERTONHA, João Fábio. *Sob a sombra de Mussolini: Os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945.* São Paulo: Annablume/FAPESP, 1999.

BIONDI, Luigi. La stampa anarchica in Brasile: 1904-1915. Tese de Láurea (Historia). Universidade de estudos de Roma La Sapienza. Itália: Roma, 1994.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. *Contra a guerra ou contra o fascismo? As esquerdas brasileiras e o antifascismo, 1933-1935.* Tese (Doutorado em História), UFF. Niterói: 1999.

_____. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 354-388.

DE FELICE, Renzo. *Explicar o Fascismo.* Lisboa: Edições 70, 1978.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil.* São Paulo: Edusp, 1995.

FELICI, Isabelle. *Les italiens dans le mouvement anarchiste au Bresil: 1890-1920.* Tese (doutorado) - Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III. Paris, 1994.

GENTILE, Emilio. *Fascismo. Storia e interpretazioni.* Bari: Laterza, 2002.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991.* São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

KHOURY, Yara Maria. Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *As esquerdas no Brasil: A formação das tradições (1889-1945).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. I, p. 113-130.

MILZA, Pierre. *Mussolini.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismos, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936).* Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

PARIS, Robert. *As origens do fascismo*. Tradução de Elisabete Perez. São Paulo: Perspectiva, 1993.

RODRIGUES, Edgard. *História do movimento anarquista no Brasil*. São Paulo: Ateneu Diego Giménez, 2010.

ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori. Uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume, 2002.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: UNB São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

SAMIS, Alexandre. Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. In: COLOMBO, Eduardo; COLSON, D. et al. *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004.

SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Italianos sob a mira da polícia política: Vigilância e repressão no Estado de São Paulo (1924-1945)*. São Paulo: Humanitas, 2009.

TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico. Um século de imigração italiana ao Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.